MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º A

1998 **nº 181**

De Jaboticaba e Revolução

Tinha eu pouco mais de 4 anos quando, certa manhã bem cedo, que me pareceu ser de madrugada, mamãe chamou-me, pois, meu padrinho Joaquim Emboaba (Joaquim J.Vieira de Campos) viera buscar-nos, com sua charrete, para levar-nos a sua fazenda, lá alguns quilômetros além das "Três Cruzes". E sonolento, segui sacolejando na manhã bem fresca. Da "Pedreira", onde morávamos, tendo passado por nosso vizinho, o "Botequim do Aladim" (1), seguimos pelo "Buraco D'Àgua", então com poucas casas. À esquerda, logo no início, ficava a casa do "Seu Pavão", soldado da Força Pública, que armava, todos os anos, um afamado presépio com figuras em movimento (2); subindo, víamos, no topo, à esquerda da Santa Casa, o Colégio "São José" com sua capela e passamos pela Santa Casa, toda ainda com características oitocentistas, incluindo sua bela entrada, com escada de pedra, virada para a praça em forma de "L", a Praça da República, onde havia uma "bica d'água" da qual os moradores das redondezas se abasteciam, era o "Largo da Bica". O prédio que servia como entrada para o hospital fora a antiga casa doada pelo Visconde para a Santa Casa. Ainda na Rua Rangel Pestana, ao passar ao lado da Santa Casa, víamos a antiga Cadeia, obra de Euclides da Cunha. Por outro lado, deixando o "largo", atingíamos a Rua Paissandu e entrávamos na Rua Tamandaré, em direção à "Boa Vista", logo atingindo o pontilhão de pedra sobre a "Água Férrea", já citado por Azevedo Marques em 1876! Passada a casa de "Nhá" Néla com seu "casamenteiro" Santo Antônio (3), deixado o Asilo, subimos em direção à Boa Vista, estreita rua em curva cheia de casinholas; entretanto, já quase ao fim, do lado esquerdo, antes da curva que leva ao Machadinho, havia dois sobrados do século XIX, um dos quais era do vovô Alois Dubsky que morava numa casa pegada, com uma escada na frente, fora da casa, paralela a esta (4). À direita, já na curva que delimitava a Boa Vista, uma grossa touceira de bambu ("que já não há") balançava ao sopro da brisa matutina. E a charrete continuava sacolejando ao trotar do cavalo e aos solavancos dos buracos da estrada. Iam ficando para trás uma capela de Santa Cruz e a Vila Dulce. De repente um som surdo e cadenciado - "chuáá-tap, chuáá-tap", de um monjolo movido à água, triturando milho, certamente, produzindo a deliciosa antiga "farinha de milho". À direita, um pouco adiante, havia belo prédio assobradado, sede de uma fazenda que, mais tarde, fiquei sabendo, fora o berço natal do Conselheiro Rodrigues Alves que, saído do Machadinho, chegou à Presidência da República!



Eis o ponto propriamente do Machadinho, com sua Capela, pequenas casas e "venda tradicional" naqueles tempos, no meio rural, centro de reuniões, lugar de longas conversas, boa cachaça e do jogo de "bisca" ou do "sete-belo" - às vezes seguido de briga braba. Era, agora, seguir à esquerda por uma íngreme ladeira e enveredar para as "Três Cruzes". Quantas porteiras para abrir e fechar. Se não aparecia algum moleque ávido de uns tostões, meu padrinho descia da charrete e passava a rédea para mamãe, a qual, criada na Colônia e numa fazenda dessa região, tinha prática em conduzir uma charrete. Passada a fazenda dos "Cadetes", alcançamos as famigerada "Três Cruzes", marcos de horríveis crimes e que diziam ser assombradas à noite. Ultrapassado, com dificuldade, pequeno "corgo", mas de margens sempre lamacentas, voltamos para direita, em busca da Fazenda "Nossa Senhora da Conceição".

Passada a última porteira, que dava acesso à Fazenda, branqueava-nos a Casa Grande da fazenda, construção oitocentista, quase ao rés do chão, apresentando a horizontalidade e a simetria repousantes dessas construções do passado, toda branca com portais e batentes azuis, por entre o verde dos morros, dos pastos e dos capões de mato, olhando tranquila para o norte.

Ultrapassado o mangueirão, onde ainda se tirava o leite fresco que, depois, iríamos saborear ao "pé da vaca" com açúcar e canela, ladeada a casa, chegávamos à entrada sul; talvez por ser ainda bastante pequeno, assustou-me o tamanho da sala de jantar. Teria, certamente, uns oito metros de comprimento.

Hoje, ao digitar na tela do computador essa hora, a saudade imensa invade tudo: Alice, Nenê, Dau, Rodolfo e Agenor, seus pais, os padrinhos Joaquim e Cecília, não mais estão ali para me receber, e papai que nos antecedera, nem mamãe levando-me com ela. Hoje a grande sala da imaginação está vazia, silenciosa, enevoada. E, olhando para trás, onde estão as galinhas que Tio Joaquim gostava de pintar de azul, de verde...? Onde o gado pastando silencioso? A própria casa desapareceu. E, com ela, tanta coisa. Apenas o primo Antônio vive, lá pela longínqua Curitiba.

Entremos assim mesmo. A enorme mesa de jantar, de lisas e resistentes tábuas. Está ladeada por compridos bancos conforme antigo uso nas fazendas de café, usados para a hora das refeições e para os momentos de recreação, principalmente à noite, à luz de candeeiros, lamparinas ou lampeões, ao som do velho gramofone, com sua campânula em forma de lírio que se abria para soltar o som tirado de um disco de cera de carnaúba de 78 rpm/ : "Mestre carrero, como chama vosso boi? Chama saudade de um amor que já se foi", ou seria a "Casinha pequenina" cuja palmeira morrera de saudade? Talvez o disco piadista em que um aluno dava um exemplo de substantivo abstrato que deixava a professora vexada? Terminadas as conversas (geralmente de fantasmas e assombração), o jogo de cartas e o estoque de discos ou de agulhas do gramofone, era hora de irmos a um dos inúmeros quartos ou alcovas para, na vastidão da noite tranquila, esperar que, talvez, uma coruja agourenta quebrasse o silêncio profundo, como profundo era o céu de um veludo chapeado de estrelas de prata. Porém, em outras noites, o luar pleno desses campos tudo branqueava com sua luz suave como só existe no sertão sem luz elétrica. E uma pergunta ficava no ar: "S. Jorge vencerá o dragão selenita?".

De repente (sim, parecia que era de repente), um galo cantava anunciando a alva de um novo dia. Era hora de tirar o leite e preparar o café da manhã. Os adultos e os primos mais velhos já se levantavam. Nós crianças ainda prolongávamos o sono mais um pouco. Depois ia-se lavar o rosto na fria e límpida água que, vinda de um córrego, se despejava numa bica de bambu-guassu, presa ao barranco do pomar. Em seguida, era dirigirmo-nos até o mangueirão com nossos copos para tomarmos "leite ao pé da vaca". E a fazenda tomava seu ritmo diurno de atividades, enquanto, principalmente Agenor (apelidado de Santo), o Antônio e eu, tomado o reforçado café, iniciávamos nossas brincadeiras, uma das quais era descer o íngreme morro a leste da casa,

"embarcados" em sépalas dos cachos de coquinhos, ou de "pega-pega" ao redor da casa. Também brincava-se de "esconde-esconde" dentro da própria casa que oferecia inúmeros esconderijos; à noite era, então, ideal, neste caso, porém, sem algazarra, pois Tio Joaquim era bastante "brabo" quanto a isto, embora atenciosíssimo nos demais casos.

O leite tirado era acondicionado em latões e transportado por burros e mulas para a cidade: a lenha cortada no "sítio Frederico" (que fica nos contrafortes da Serra Quebra-Cangalha) era ajeitada no carro de boi e levada para alimentar os fogões da cidade. E o engenho, movido à força animal, iniciava a moagem da cana. As refeições, com grande variedade de pratos, eram servidas na comprida mesa de jantar e todos deviam permanecer em absoluto silêncio, como monges trapistas, por exigência de Tio Joaquim. E nós crianças mal podíamos refrear a língua ou o riso, gesticulando em mímicas para pedir alguma coisa. Às vezes isso tornava-se cômico, todavia, quem ousaria rir durante as refeições?

Na parte da frente da casa, havia três grandes cômodos, talvez de 4m X 4m, um dos quais, que ainda apresentava sinais de rachadura proveniente de um "terremoto" havido nos inícios dos anos 20 (5), e sentido por mamãe que se hospedara nesse quarto na ocasião, esse cômodo agora servia de dormitório para meus padrinhos. Os outros dois tinham suas alcovas: um deles servia como sala-de-visita. Um estreito cômodo, do lado direito da sala-de-jantar, abrigava um lindíssimo oratório com a representação do Calvário na parte principal e superior; na parte de baixo, um Presépio. À frente dele havia uma misteriosa porta que levava a um escuro cômodo, em que era tabu entrar: Rodolfo dizia que ali se guardavam instrumentos de tortura de escravos, usados pelo terrível "Sinhô" Bento de Campos, afamado pelos maus tratos dados aos escravos e que teria sido assassinado por um deles e seu cadáver, levado pelo "Coisa-ruim" para as profundezas do inferno (6).

E havia o incrível recinto da cozinha, com duplo espaço bastante amplos, com fogão à lenha, seu forno abobadado de barro, pilão, do lado direito; do lado esquerdo, o recinto com duas "fornalhas" para se colocar as amplas tachas para ferver o melado. Este, depois de engrossar, era despejado em compridos "cochos" subdivididos em várias cubas, onde o melado grosso era batido com compridos mexedores, e solidificado em deliciosos cristais de açúcar mascavo, que depois seria enviado em sacas, para o comércio da cidade. Nós crianças, e alguns adultos também, não resistíamos em, com três dedos cúmplices, tirar bocados dessa delícia.

Do lado direito da casa, a oeste, estava o grande pomar de jabuticabeiras; seriam vinte e um pés, recorda ainda Tia Caçula, e com vários tipos de jabuticabas: graúdas, miúdas, rajadas. O "corgo" acima referido ziguezagueava entre elas num murmúrio que, hoje, me faz associar ao regato do 2º movimento da Sinfonia Pastoral de Beethoven. Porém, em vez de rouxinóis e cucos, ouviam-se canarinhos da terra, tico-ticos ou sabiás (Onde andarão eles?). Eu e Agenor disputávamos quanto galhos conseguiríamos "limpar". Depois vinha o topor e íamos deitar-nos num grande estrado existente na sala de jantar. Não me lembra quem vencia a disputa ou se havia permanente empate. Mas a modorra, à tarde, assaltava a ambos. Enquanto isso as mulheres cuidavam das refeições ou de seus crochês, ou da leitura de um romance da "coleção das moças". E as conversas transcorriam calmas e longas.

Assim passaram os dias, quantos? A memória não registra. Que importa se foram dez, vinte ou mais? Quantos galhos de jabuticabeiras depenamos? Que importa se, à noite, falava-se em fantasmas e ouviam-se pios agourentos de corujas? Que importa, agora, lembrar que no quarto de meus padrinhos havia ainda o sinal da rachadura provocada por um tremor de terra havido lá pelos inícios dos anos 20? Que importa relembrar se a saudade é suave reminiscência?

Anos mais tarde, um professor ou um livro falava de uma "Revolução de Trinta" no mês de

outubro! Fiquei sabendo pelo Tuvira que houve distúrbios na cidade, provocados por getulistas vitoriosos. Então me lembrei daqueles dias de jabuticabas outubrinas na "Fazenda Nossa Sra. da Conceição". E o nome de GETÚLIO associou-se-me a JABUTICABA!!! Nem o golpe de 37, Estado Novo (que Alvarenga e Ranchinho chamavam de "Estado no Ovo" - com passagens pela polícia), desfizeram essa associação. E aquele "cara" tão elegante cujo retrato e hino ilustravam as capas do caderno de receitas de mamãe, passou a ter significado: era João Pessoa, "bravo filho do sertão", cujo assassínio por razões românticas servira de pretexto para tal revolução. E ele ficou associado a deliciosas receitas de doces, bolos e salgadinhos. São Paulo e o PRP (Partido Republicano Paulista) haviam sido derrotados!

No seu livro "Rua da Estação", Tuvira - memória viva e cantante da cidade - lembra os incidentes provocados por "arruaceiros, instigados, à socapa, pelos revolucionários da Terra". Assim "desacataram e humilharam autoridades, soltaram presos da Cadeia de Cima, e, por fim, assolaram a Casa da Câmara (6)... além da Prefeitura Municipal" depredando tudo, fazendo enorme fogueira na Praça Rodrigues Alves: houve troca de tiros, porém o Guarda Rodoviário, cujo motocicleta foi também incendiada, e um grupo de populares destemidamente conseguiram "enxotar os baderneiros". "Seu" José Augusto Soares, dono da Padaria Esperança, foi atingido por uma bala "que incidiu justamente sobre uma pistola que ele portava num dos bolsos do colete, e que lhe serviu de escudo!", graças à proteção de Nossa Sra. Aparecida, segundo "Seu" José (7).

Era Prefeito, Pedro Marcondes, que desde 1911 obtivera vários mandatos e que, com o Comendador Antônio Rodrigues Alves (morto em 1927), presidente da Câmara várias vezes, comandavam a vida político-administrativa da cidade. A deposição de Pedro Marcondes encerra o período de maior esplendor econômico, social, político, cultural (especialmente musical) e religioso de Guaratinguetá, iniciado por volta de 1890. Comendador, Pedro Marcondes, Mosenhor Filippo (morto em 1928), formam uma tríade que marcou profundamente a terra do Conselheiro e de Frei Galvão. Com a derrota do PRP termina a "República Velha" e o período de liderança alvista em Guaratinguetá. Já abalada com a eleição do Dr. Rangel de Camargo para Deputado Estadual com o apoio do distrito de Aparecida e do Governador Washington Luís que dividira o PRP, e com a separação de Aparecida em 1928, contra o desejo dos alvistas.

O alvismo terá um ressurgimento relativo com Joaquim Villela durante o Estado Novo, porém foi definitivamente superado por Broca Filho.

Ainda bem que as jabuticabeiras da "Casa do Conselheiro" continuam frutificando em outubro, e alvistas e camarguistas se deliciam com elas!

NOTAS: 1) O botequim do Aladim estava situado num prédio ainda hoje existente - o Bar do Nenê. 2) "Pavão" era a alcunha pela qual era conhecido o policial José Eugênio da Silva. Seu presépio aparece em várias crônicas como as de Tuvira e Betina Marino. 3) "Nhá Néla" é referida no livro "Rua da Estação" do Tuvira. Ao seu Santo recorriam moças casamenteiras e estudantes em dificuldades nos exames. Onde está a imagem que ela deixara para o Asilo? - pergunta Tuvira e perguntamos nós. 4) Ainda existe uma casa, na Boa Vista, com uma escada paralela à calçada, dando acesso à casa. 5) Além de mamãe, tio Maia Braga também se referia a um abalo sísmico. Quando, certa noite, chegando a casa, foi enfiar a chave na fechadura, sentiu forte abalo que fez com que ele errasse o buraco da fechadura. Este fato deve ter-se dado nos anos 20, antes de 1924. 6) Sobre o Major Bento de Campos, ver "O Sobradão da Rua Marechal". Parece que o primo Rodolfo confundia-se, pois o Major foi morto na fazenda do "Morro Grande". 7) Tuvira, in "Rua da Estação" - Edição do Autor - 1989, passim.

Guaratinguetá, no mês de N.Sra. da Conceição Aparecida de Guaratinguetá e da Beatificação de Frei Galvão.

B. D. Coupé